

# A pergunta que aborreceu os leitores

FHC

26 FEV 1995

CORREIO BRAZILIENSE

José Negreiros

No dia 16, o repórter William França, da *Folha de S. Paulo*, perguntou ao presidente Fernando Henrique Cardoso como ele faria para sobreviver se ganhasse salário mínimo.

França não tem culpa de cumprir uma tarefa que o chefe lhe deu, mas só ele não percebe a tolice que fez.

Gente que assistiu a entrevista ao meu lado aplaudiu a resposta de FHC por uma razão óbvia.

Todo mundo sabe que se vive muito mal com o salário mínimo.

Logo, quando alguém pergunta o que já sabe, o sentido da sua indagação só pode ser: 1 — demonstrar que o perguntador é um jornalista muito, mas muito inteligente, desses que embatucam autoridades com suas provocações e merecem grande admiração; 2 — exibir um presidente da República encurralado pela lógica, sem argumentos diante da mais relevante questão social do país.

Em geral bem humorado, com toda a razão o presidente se aborreceu.

Disse que a solução para a fome de quem ganha os miseráveis R\$ 70,00 deveria ser buscada com seriedade e não da forma engraçadinha sugerida pelo repórter.

No lugar dele, uma pessoa de bom senso não teria perdido apenas a paciência.

Teria perdido também a educação. Se fosse um assalariado, processaria o repórter, pois os leitores e o drama dos miseráveis que ganham o mínimo merecem respeito.

Nada disso aconteceu porque repórteres ingênuos, perguntas demagógicas e edições apressadas constituem boa receita no moderno jornalismo brasileiro.

Em vez de se fazer (a exemplo do que tentou Aloisio Biondi, em artigo no *Shopping News* de domingo passado) uma reportagem provando que o dinheiro para pagar o aumento do mínimo existe e que esse aumento não quebra a Previdência, é mais fácil jogar uma casca de banana no caminho do presidente.

Ao contrário da *Folha*, que desistiu da armadilha montada por seu re-

pórter, o *Correio Braziliense* caiu nela. No dia seguinte dedicou uma página à informação dos assalariados vítimas do nhenhêhêhêhêhê do jornalista.

Das treze pessoas ouvidas, apenas uma é assalariada. Há dois humoristas muito bem pagos, um poeta abastado, um empresário rico, que alega jamais ter tido salário, e dois jornalistas que fogem do assunto.

É brincadeira.

Arcelina Dias conta, ali, como brincou de viver com o salário mínimo durante um mês em Belo Horizonte e admite que viveu com dignidade, embora o propósito do seu texto fosse provar o contrário.

Lá estão ainda um deputado pegando greve, um repentista maluco e um ex-presidente pinel. Todos falando besteira.

Pobre leitor. Uma página, sete fotos, duas ilustrações, 200 centímetros de matéria.

Tudo muito engraçadinho, como reclamou o presidente da República, exceto no caso do Betinho, que respondeu com sincera simplicidade:

procuraria outro emprego.

Ou seja: faria o óbvio.

França levou um sabão de Fernando Henrique na quinta-feira, foi esquecido pelo seu jornal na sexta e, no domingo, estava de volta — nas páginas do *Correio* — coberto de razão.

E tome nhenhêhêhêhêhêhêhêhê.

Diz que seu propósito foi questionar o presidente. Falso.

Quem fez isso foi Biondi, com argumentos, números, estatísticas, etc. França, sem querer, levantou uma bola que FHC devolveu de bate pronto.

França também alega que jornalista tem o poder da dúvida. Negativo.

Jornalista não tem poder algum. Se faz perguntas capazes de informar os leitores, ótimo. Agindo como França, vira humorista.

Mais adiante ele se autoglorifica, dizendo que perguntou o que interessa à população. Que nada.

Perguntou o que interessava a alguém que queria chatear Fernando Henrique.

Em vez de jornalismo, França fez

algo muito parecido com os comentários econômicos na TV: um surto de asneiras que dá a impressão de ter algum sentido, exceto quando o comentarista para de falar.

Duas semanas depois da polêmica inútil, ninguém se lembra mais se FHC vive com o salário mínimo, se aumentará o valor dele para R\$ 100,00, se quebrará a Previdência ou dará um abono.

A mídia do repórter foi ótima entre pessoas que querem culpar FHC pelo baixo valor do salário mínimo, pelos péssimos jogos de Romário com a camisa do Flamengo e pelas enchentes na periferia de São Paulo.

Isso serve para consertar o país?

Duvido. Deixemos de hipocrisia! O que França fez foi o que todos nós jornalistas fazemos todos os dias por não sabermos fazer coisa melhor — aborrecer o leitor.

Está certo que asneira não é crime, mas transformar seus cultores em heróis é asneira muito maior.

■ José Negreiros é editor executivo do *Correio Braziliense*.